

TOMAZ  
DE FIGUEIREDO

NOVELAS e CONTOS I

PROCISSÃO DOS DEFUNTOS • VIDA DE CÃO



IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

## TOMAZ DE FIGUEIREDO: A HONRA DA ESCRITA

*Releio Tomaz de Figueiredo e impõe-se-me, de novo, a ideia de que havia (há) neste homem sacudido, temperamental e repentino, que sempre rastreou a vigência de valores e de princípios — a honra da escrita. Isso mesmo: honra da escrita. A conjugação de clareza e de profundidade, a percepção de que a arte literária é a conjugação de vozes, o exercício público da privacidade da memória — e o gosto e a sabedoria do idioma.*

*O grande autor de Uma Noite na Toca do Lobo sabia, como poucos, que a literatura é conforme a um diálogo emprestado: interminável conversação entre sociedade e individualidade, entre as regras concordes e aquelas que se descobrem para constituírem a singularidade e o sopro pessoal. Mas o homem era infenso à vulgaridade, ao plágio, à tráfallice, e não se coibiu de publicamente escarmentar aquele que infringia a ética do ofício e chamava de seu o que a outrem pertencia.*

*Os mecanismos da vocação literária de Tomaz de Figueiredo não se quedavam na gramática das formas. Ele interpretava essa gramática como uma espécie de hierarquia introspectiva, redutora da intensa aventura do remanejo da língua. A regra é não ter regra. Mas só depois de conhecer-se e reconhecer-se a regra. Respeitar a língua é noivá-la num imemorial festim. Há, nesta persistência, manifesto niilismo. Para ele, todavia, o niilismo era a força de uma ironia libérrima, situada entre o testemunho mordaz, o balanço crítico da época e o retrato burlesco de certo modo de ser português.*

*O minhoto não era para graças: utilizava a mão da escrita como prolongamento do que pensava, e de ambas se servia quando a palavra não era suficiente para dirimir questões. Questões de honra, naturalmente. Perdeu alguns amigos pela*

*ferocidade implacável da sua exigência, associada a um sarcasmo que não marcava fronteiras. Um português de outrora, íntegro e belicoso perante faltas de carácter, possuidor de personalidade inalterável, e averiguadamente cortês e afável junto de quem correspondia aos parâmetros do que entendia ser justo e nobre e honrado.*

*No entanto, num admirável desenho de António Dacosta, o autor de Tiros de Espingarda surge com uma inesperada doçura, traços leves, esmaecido sorriso, fronte solar, espécie de antinomia da sua fama e proveito. Num outro, por igual magnífico, de Júlio Gil, ele é a equivalência gráfica de uma ave rapace: nariz alevantado, olhar imperial, expressão insolente, prestes a afrontar fosse o que fosse. Tanto Dacosta como Gil viram-no tal qual foi, em épocas distintas, que distintas épocas o acalentaram ou castigaram.*

*Os mais íntimos afirmam-no esmerado na amizade, atento às precisões dos que, por pudor e discrição, calavam o desassossego e as constricções. Um terno, mascarado de rudeza. «Je m'avance masqué», disse Descartes. Uma ferida tão insuportável quanto insarável martirizava-o. Ele boleava-a através da prosa. E que prosa! Utilizou o sarcasmo e a zombaria procurando esconder o que as recordações constantemente lhe lembravam. Como todos os grandes demiurgos, ele tentou encontrar na literatura o tónico para secretas feridas, para padecimentos íntimos, a salvação do naufrágio — nunca a liturgia do apaziguamento.*

*Edmund Wilson, um dos mais importantes ensaístas e críticos do século XX, considerava ser basilar a associação entre o que se escreve e o que se é. Apoiou-se em magistras análises sobre Scott Fitzgerald e sobre Hemingway, verbi gratia, para*

*defender a tese tão brilhantemente por si patrocinada. Tomo de mão o conceito e aplico-o à obra e à vida de Figueiredo. E ambas se ajustam, numa unidade exemplar — até por aquilo que ocultam ou dissimulam.*

*Adianta que Figueiredo e Hemingway possuem muitas afinidades, entre as quais o prazer da palavra e o gosto da estrutura verbal. O português tomou o caldo dos grandes clássicos e tornou-se, ele próprio, um grande clássico. Caldeou o texto nas leituras e nas paixões dos que considerava família literária: António Vieira, Francisco Manuel de Melo, Camilo & Companhia. Depois, deu-lhes a volta, associando a progénie às falas regionais, ao calão, ao vocábulo fora de uso, ao neologismo.*

*O americano, esse, é a clara demonstração de uma escrita resultante dos encontros electivos e das correspondências determinantes com Stephen Crane, Mark Twain e, pasme-se quem quiser pasmar-se!, com o francês Stendhal, de quem disse ter contrabandeado o estilo preto e branco, à maneira do Código Civil. O inglês dos seus livros contém óbvias ressonâncias shakespeareanas, como notou Evelyn Waugh, parceiro de copos, e outro maior.*

*O hedonismo torna-os também afins: a satisfação pela caça, o aprazimento pela pesca; os caminhares, o gosto pelo vinho, pela boa comida; a altanaria física, a coragem em todos os sentidos. Sobretudo, no mais elevado deles: a coragem de escrever e a humildade de publicar. E associa-os, analogamente, a moral do trabalho, sobretudo essa consciência imperiosa de que o ofício de escrever é impositivo, de que a faina das palavras não permite tréguas nem as doces evasivas do descanso; e de que escrever é um acto extremamente perigoso.*

*Os livros de contos e novelas de Tomaz de Figueiredo que me trazem à entrada desta edição são um maravilhoso conjunto de pequenos espelhos que mudam, mas que reflectem a «totalidade» (tomando a expressão com todas as precauções devidas) de um testemunho presencial, que recusa as imagens cosméticas.*

*Baseados em efeitos de transformação e de deformação, esses textos exaltam os últimos vestígios do mito da natureza, indo o autor ao baú da infância e às turbulências adolescentes para remanchar um tempo que impõe as suas próprias limitações mas que produz uma eficácia emocional extraordinária. A «modernidade» dos contos e das novelas de Tomaz de Figueiredo reside no sagaz compromisso do clássico com o «novo», integrando, ainda, esse compromisso, numa forte componente poética — porventura mais notória em *A Outra Cidade e Vida de Cão*.*

*A grandeza de Figueiredo não se queda, somente, na invenção vocabular e na originalidade da imaginativa (o que não seria pouco!). Ela estende-se e desenvolve-se numa reflexão teórica sobre os avatares da criação literária, suscitando em quem o lê a ocorrência de outras considerações acerca da História, dos hábitos, dos modos de ser e de estar. E, até, de pensar.*

*A novela *Procissão dos Defuntos* é exemplar como narração moderna. Os cortes do «tempo», as elipses, as alterações, os interregnos para interpelar o leitor, os «fragmentos» cerzidos no todo estrutural — «É aqui de contar a história da Menina do Rio, e não me vão coimar a narrativa de falta de unidade, que diz ela respeito à casa e não especialmente ao delito e seus mandadores, ora certamente a rechinarem no caldeirão de Pêro Botelho, visto que ao Demo se não furtariam como aos homens.»*

«Ainda a esse propósito. Calculem, ao fim de contas, aquilo que determinavam as Ordenações do Reino!» — fundamentam o núcleo de uma ars poética muito própria, mas cujas raízes entroncam com o melhor da grande aventura literária portuguesa. Entre memória e sonho, a identidade do narrador perde-se e reencontra-se nos seres ausentes que prosseguem um caminho de desolação e de tragédia.

Em toda a sua obra ele narra «situações», efabulando-as muito levemente, através de um ténue fio condutor que incita quem o lê a participar no texto, transversalmente a uma ampla margem dedutiva, oferecida, com generosidade, pelo autor. Narrar e descrever (na concepção lukacsiana), habilmente justapostos numa unidade frequentemente paradigmática, só concebível num grande mestre.

Tomaz de Figueiredo implica o leitor num jogo literário e converte-o em protagonista da teia que criou, deslocando a perspectiva a seu bel-prazer. Ele intima-nos a reinventar a natureza das coisas, inclusive das coisas «reais», remanejando a etimologia da simbólica naquilo que reúne e estabelece a representação e o sentido. A herança cultural só existe quando lhe voltamos a atribuir o valor esquecido, reconhecendo-a e ultrapassando-a — mas reconhecendo-a sempre. Só o que é expresso e restaurado pode fornecer algumas pistas e alguns indícios.

A infância e a adolescência, para Tomaz de Figueiredo, não são o abordar do futuro ao contrário, recuperando o passado com infinito desespero. Ele recorre à memória, baú sem fundo, como utensílio para a edificação dos seus labirintos particulares. Ama um país (um território moral) que já não existe, que nunca existiu, que só existiu no seu desejo. Um país por ele

*reconstruído das ruínas (de que ruínas?), situado na terra de ninguém, entre o silêncio e o alarido, onde o conceito se enreda no que se ausculta.*

*O compromisso social está associado à vida (em Tiros de Espingarda e em outros textos) e a tensão que literariamente o suporta consiste em atribuir à linguagem o processo aberto da sua peculiar identidade. O idioma — fundamento e explicação de todos os objectos, de todos os sentimentos, de todas as emoções. O idioma — fisionomia de uma pátria física, mental, cultural e biológica.*

*Temos medo dos nossos vulcões. Talvez por isso, tentamos extingui-los com a indiferença, filha da inveja, do preconceito e da ignorância. Tomaz de Figueiredo pertence a esse universo simbólico — e de que maneira! Ele foi a tragédia e o drama, a comédia e a farsa, o choro e o riso, o rugido e o sussurro. Foi o sarcasmo, a zombaria, a mordacidade, o desacato — e foi a lágrima crucificada, o soluço retido, a dor mascarada, o sofrimento inaudito.*

*Foi diverso, oposto, diferente, insubordinado, irreverente, indomável. Foi um dos maiores escritores portugueses de sempre.*

Março de 2005.

BAPTISTA-BASTOS

*PROCISSÃO DOS DEFUNTOS*



- 1.<sup>a</sup> edição: Editorial Verbo, Lisboa, 1954.
- 2.<sup>a</sup> edição (*emendada e precedida de «Umas poucas de palavras do Autor»*): Editorial Verbo, Lisboa, 1967.
- 3.<sup>a</sup> edição: a actual.

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA:

*A Toca do Lobo* ninguém queria editá-la, principiando por nem querer dar-se à espiga de a ler, uma grande espiga. Devo-lhe que a tenha lido e que a recomendasse ao editor, camaradagem a confirmar, por exceção, o dito referente ao «oficial do mesmo ofício». E então, que mal nos conhecíamos, o José Osório de Oliveira apenas era o camarada, não o amigo que hoje é: não éramos ainda os amigos que hoje somos. Aqui tem esta desapegada *Procissão dos Defuntos*, que muito assim fica valendo: memória de uma lealdade. Sou eu daqueles que nunca por nunca se esquecem, um condenado a lembrar-se de tudo. Não vai além de uma caneta o meu possível, um capital de pobreza, pois que me tomou toda a alma, e em troca de dores que só eu sei. Dentro desse meu pobre possível, amigo — e, embora com ruim juro, pago sempre o que me fazem.



Gravité! j'en suis las, à force d'avoir vu  
des hommes qui n'en avaient que les dehors.

FÉNELON



## UMAS POUCAS DE PALAVRAS DO AUTOR \*

*Releio a dedicatória viva como se o José Osório de Oliveira ainda me atendesse ao de lá do fio telefónico: eu a marcar 77 56 60, logo a perguntar «Osíris?» e, breve, à senha pessoal, a fala e o alvoroço do amigo: «Olá, Tomaz!»*

*Osíris lhe chamava, lido no Padre António Vieira que de Osíris derivaram os antigos o apelido Osório.*

*Releio as palavras de vivo a vivo, a rectificar pelo pensamento e pela amargura que já não é da vida o companheiro, a angustiar-me sem consolação.*

*Companheiro vem de Cum Panis... Ele e eu quisemos o pão negro que os do pão alvo ainda toleram aos que se fincam em ser da luz. Juntos o comemos, aceitando-lhe as areias da moedura.*

*O querido José Osíris foi dado à terra: nem o jazigo onde um companheiro corra a mão pelo verniz dum caixão a embaciar-se e murmure «Aqui estou...», sabendo que lá do frio não virá resposta, mas esperando-a, e reze pela alma que Deus terá recebido pelo que foi da justiça e da luz. Pois não será verdadeiro que se nos afiguram os enterrados mais irremediavelmente mortos, tanto como as flores com que os cobriram, ao passo que estas, secas embora, flores continuam na discussão com o nunca-mais que vem a ser os jazigos?*

*Acabou-se. Companheiro e companheiros, quantos lhe quiseram por aquele sereno amor da Justiça que lhe foi guia, ir-se-ão todos como ele. E a dor, com eles, na mesma há-de morrer, só ficará — que essa fica! — a ideia de um homem que foi absoluto homem do espírito, mantenedor do que não se apaga.*

---

\* Da 2.<sup>a</sup> edição.

*O companheiro exemplar, o amigo de olhos puros, não pode já reler o livro que dei à sua gentileza e claridade, já não há-de atentar no que me apurei a emendá-lo e a entregar-lho mais digno, aqui nesta perseguição do perfeito que, de menino, me avisa do tosco e do mal afinado. Sim, de menino, visual, eu a cobiçar e a apreciar os selos pela boniteza: uma alaranjada e azufada guerra naval nas costas do Chile, as dragonas de Francisco José, Santo António a pregar aos peixinhos, Vasco da Gama ancorando em Calecute, o carrapito pré-vitoriano da Senhora D. Maria da Glória Princesa do Grão-Pará.*

*Maior prejuízo meu, e mais triste, que partisse antes de folhear outros, novos, que não me observe o que a sua lucidez entenderia, que não me aconselhe e guie. É das negruras de quem escreve o desaparecimento dos que se alegravam a mais um livro do companheiro. E o amor do José aos livros! O amor, logo ao abri-los, soprando ao fim os escarpelos do papel, enformando-os e mirando-os: sua riqueza de pobre! O mais acabado homem de livros que nunca vi, o José Osório de Oliveira! Que teclado, cada prateleira das suas estantes!*

*A derradeira vez que nos encontrámos... Quem no-la diria derradeira! A despedirmo-nos como de tantas vezes, como se, a meu chamamento, o amigo, que raríssimo entrava em cafés — só para com algum raro amigo conversar —, condescendesse em aparecer-me na Brasileira...*

*Foi no Rossio, uma noite. Passámos à vista do Teatro Nacional, e o José a contar ver representada, mais mês, menos mês, A Rapariga da Lorena, a peça que, ao tempo, o Conselho de Leitura daquele teatro me aprovara, e a única, das aprovadas nestes anos mais chegados, que ainda só no papel. Eu a firmar-lhe — nada me arredará de ser um homem de fé — que, apesar da minha condição, se não condenação, de dramaturgo português (parece que uma capitis diminutio), esperava muito dessa obra. Repiso que sou homem de fé: da fé me sustento. E ele, que morreu sem ao menos ler a obra ambiciosa, então inédita, a esperar de mim.*

*Quando a peça em que um escritor de Portugal se atreveu a retomar o assunto da pucela queimada e santa, e seja daqui a um ano ou a dez, daqui a vinte, nasça por fim no palco — pois que há-de nascer: ela espera —, então, se ainda neste mundo, porque é fácil não esperar, lembrar-me-ei do amigo que teria estado na primeira fila dos cadeirões, esse que, descida a cortina final e depois das palmas, ou depois dos tacões, haveria de correr aos bastidores a alegrar-se ou a adoçar-me a derrota.*

## ÍNDICE

<i>Tomaz de Figueiredo: a honra da escrita,</i> por BAPTISTA-BASTOS .....	9
------------------------------------------------------------------------------	---

### Procissão dos Defuntos

Umaz poucas de palavras do Autor .....	21
Insónia .....	31
A casa da cobra .....	83
I — De como não houve crime .....	85
II — Sai o gado mosqueiro .....	87
III — De como parece ter havido crime.....	90
IV — Não e não! .....	93
V — Tudo em pratos limpos .....	96
VI — Tudo? .....	99
VII — O que disse, ou não disse, uma das testemunhas .....	102
VIII — Favaz contadas .....	107
IX — De Herodes para Pilatos .....	111
X — A menina do rio .....	115
XI — Um leitor de <i>O Judeu Errante</i> .....	124
XII — O raio que a partiu .....	132
XIII — Um tesouro e um esqueleto .....	136
Cobras e lagartos .....	141
I — Apresentação de um retrato em mofinas circunstâncias .....	143
II — Meditação .....	148
III — Contas atrasadas .....	151
IV — De como D. Micaela Ricardina arranjou lenha para se queimar .....	154



V — Entra o lobo no aprisco .....	160
VI — Cobras e lagartos .....	165
VII — Tocam sinos a defuntos .....	170
VIII — O tranglomanglo .....	179

### Vida de Cão

Umaz poucas de palavras do Autor .....	189
Sala de jantar .....	193
32 dentes ou o Senhor Doutor .....	207
Futura ossada burguesa! .....	223
Reconstrução da cidade .....	235
Relatório sentimental .....	249
História de uma gata .....	277
O muro amarelo .....	289
Festa da família .....	301
Umaz horas agradáveis ou <i>requiem</i> por uma infausta defunta.....	323